

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

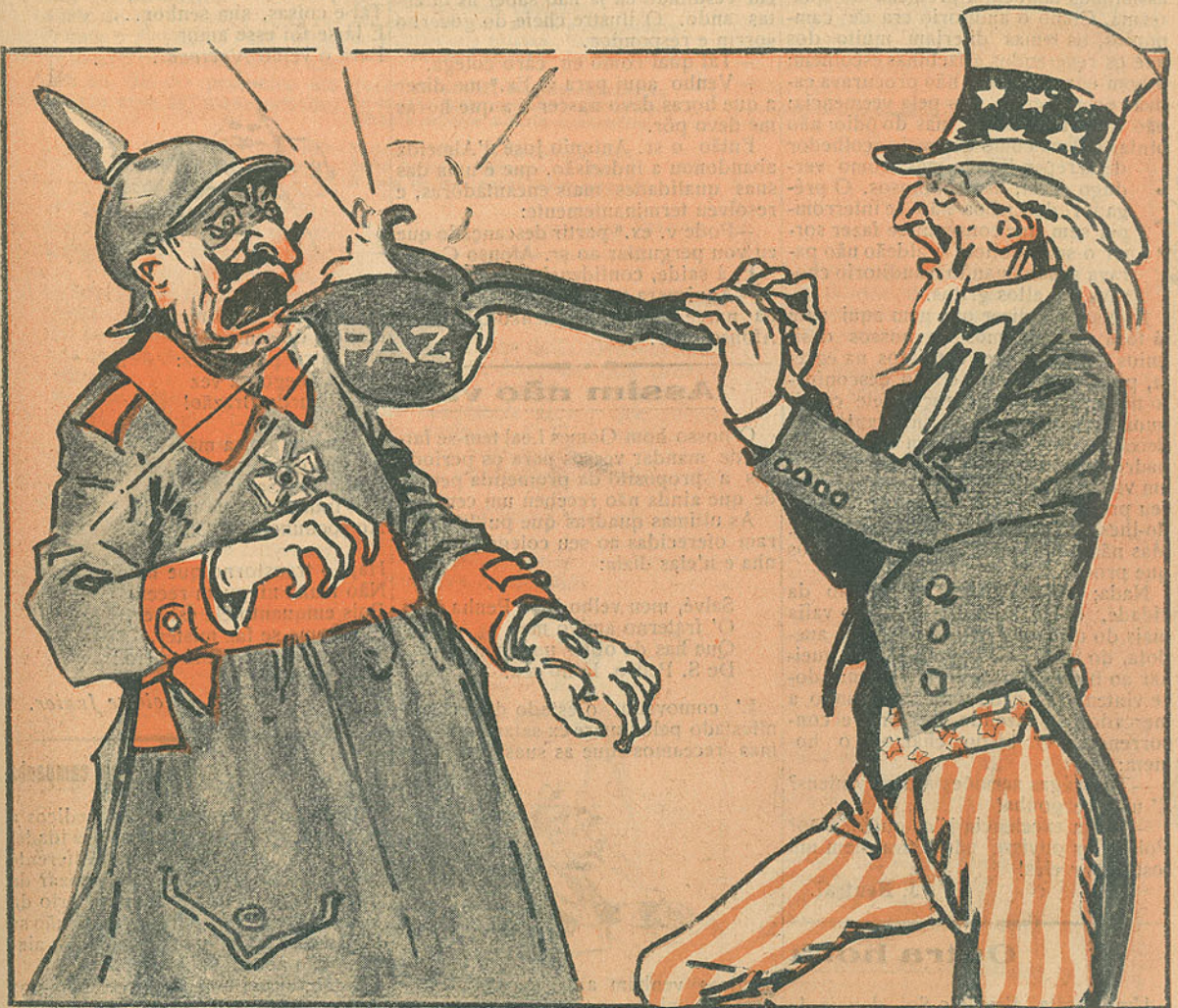
O SÉCULO



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

## EXPLOÇÃO



Estalou-lhe a castanha na boca!



## PALESTRA AMENA

## Sermões

Passou hontem o primeiro domingo de quaresma e hontem, como pessoa que muito deseja ser confortada com boas palavras e emendar-se de alguns erros que tenha cometido, ouvimos o primeiro sermão dos que por este tempo os ministros da Igreja dedicam aos fiéis do catolicismo. Foi uma predica aristocratica, perfumada, para mulheres e mancebos efeminados; o prégador, desenhando-se elegantemente no fundo claro da parede do templo, era mavioso de voz, punha os olhos em alvo e afastava, de vez em quando, um caracolinho teimoso, de cabelo castanho, que lhe caía para a testa. O tema era o «Amor de Deus», mas, pelo modo como foi versado, bem podia denominar-se o «Amor dos homens», porque deste se tratou finamente, quasi sensualmente.

Ha um ano estavamos, por esta época, n'uma aldeia da Extremadura e aí assistimos tambem a predicas de quaresma. Como o auditorio era de camponios, os temas diferiam muito dos que os reverendos alfacinhas escolhem; o bom cura da serra não procurava captivar pela doçura, mas pela veemencia; não tratava do amor, mas do odio; não pintava Deus como benevolo acolhedor de arrependidos, mas como verdugo cruel, de criminosos. O prégador de Lisboa não se interrompia sem que conseguisse fazer sorrir o seu publico; o aldeão não parava senão quando o auditorio chorava em altos gritos.

Escusado é dizer que nem aqui nem lá fóra conseguimos os nossos desígnios. Se pecadores entrámos na igreja, pecadores saímos e se o desconforto nos apertava o coração ele continuou a confranger-nos. Entretanto, não deixámos de concordar em que os dois padres conseguiam o fim que tinham em vista: ambos sabiam conservar o seu predomínio nos rebanhos, servindo-lhes o que a estes mais agradava. Mas não contavam connosco, com os que procuravam a luz...

Nada; evidentemente, o sermão da cidade, como o da aldeia, não valia mais do que os d'aquella padre da anedota, do qual os colegas se foram queixar ao bispo porque levava apenas doze vintens por cada um, rebaixando a mercadoria e fazendo-lhes terrivel concorrência. O bispo chamou o homem:

—Tu prégas sermões a doze vintens? E' uma vergonha!

—Vossa excellencia já os ouviu? Não? Pois se os ouvisses não dava nem um tostão por eles!

J. Neutral.

## Outra hora

Uma noite d'estas o Sol, depois de terminar o seu serviço habitual, tirou-se dos seus cuidados e foi procurar esse outro sol que é o sr. Antonio José d'Almeida. Sua ex.<sup>a</sup> achava-se entre nuvens—imaginosa e falando—mas

nem por isso deixou de receber ótimate o astro do dia.

—Então que o traz por esta sua casa?—inquiriu.

—Saber em que lei vivo,—respondeu o Sol—e pedir o favor de me indicar, d'uma vez para sempre, o que devo fazer.

—Tenha a bondade de se explicar.

—Aqui ha tempos alongaram o dia com 35 minutos; depois alongaram-no com mais 60; passados mezes diminuíram-lhe 60; agora, para Março, resol-



veram que ele aumentasse 60. Dá isto em resultado eu já não saber ás quantas ando. O illustre chefe do governo sorriu e respondeu.

—Tal qual como eu, caro colega.

—Venho aqui para v. Ex.<sup>a</sup> me dizer a que horas devo nascer e a que horas me devo pôr.

Então o sr. Antonio José d'Almeida abandonou a indecisão, que é uma das suas qualidades mais encantadoras, e resolveu terminantemente:

—Pode v. ex.<sup>a</sup> partir descansado que eu vou perguntar ao sr. Afonso Costa. E, á saída, confidencialmente:

—Aqui para nós... Em Portugal nada nasce nem se põe senão quando o Afonso quer.

## Assim não vale

O nosso bom Gomes Leal tem-se farto de mandar versos para os periodicos a proposito da prometida pensão de que ainda não recebeu um centavo.

As ultimas quadras que publicou foram oferecidas ao seu colega João Penha e n'elas dizia:

Salvé, meu velho João Penha,  
O' fraterno amigo meu  
Que has de obter uma pensão  
De S. Pedro, lá no céu.

E' comovedor o estado d'alma manifestado pelo illustre ex-satanico poeta, mas receamos que as suas expansões



poeticas venham a desmanchar o que os seus amigos com justiça, arquitearam.

Por outras palavras: receamos que dêem o dito por não dito e lhe retirem a pensão definitivamente, se continuarem a fazer versos assim...

## Emfim, só!

Que trango-manglo foi este  
Que em certo teatro deu?  
Será tifo? será peste?  
Seja o que fôr, que lhe preste,  
Eles lá sabem, não eu.

Uma ocasião, em segredo,  
Fóra de cena, constou  
Que mais tarde ou que mais cedo  
Se rasparia o Azevedo...  
E, realmente, raspou!

Ao depois voz lacrimosa  
Diz que é o Alves que sae,  
E—como recita o Rosa  
N'uma poesia famosa—  
Subitamente lá vae!

Tempos após principia  
Novo boato a surdir,  
Que o Rafael marcharia...  
Na verdade, um belo dia,  
Na aragem poz se o fakir!

Seguiu se a bela Leonor;  
Diz que estava muito mal,  
Tal e coizas, sim senhor...  
E lá se foi esse amor  
Para o velho Nacional.



Ha coisa de meio mez  
Noticia de sensação  
No teatro portuguez:  
Agora chegou a vez  
Ao Eduardo Brazão!

E' doença, coisa má,  
Ao que corre por aí,  
Epidemia. Será;  
Mas inda bem que não dá  
No rochunchado Chaby.

Haja o transtorno que houver  
Não tenha ninguem receio  
Pois enquanto ele estiver,  
Conforme se faz mister,  
Sempre o teatro está cheio!

Molière Junior.

## Medicos em campanha

Primeiro, na escolha dos medicos a partir para França, atendeu-se á idade; seguiu-se outra escala com diferente criterio; mais outra... Pois apezar de toda a boa vontade do ministerio da guerra, chegando, parece, até a não se adotar escala nenhuma, os medicos ainda se não acham satisfeitos.

Então, aí vai uma idéa: recrutem-nos por especialidades, partindo em primeiro logar os especialistas de doenças que, em França, mais necessitem d'elles.



## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Crida amétade:

Préguntasteme na tua ultema meci-  
va cumo paçava u Brazão de çaude  
purque istavas em munto cudadado: pa-  
ça bem, grassas a deus, cigundo vi  
uma noite destas nu Nassional, onde  
açisti á afamada *Madurgada* cus no-  
ços pais axavam munto bunita mas que  
é uma istupada dalto lá cum u xaruto.  
Ça quela jente toda faláce in proza  
em logar de cer in berço nu fin do  
prumeiro ato nan ficava nem vivalma  
nu triato.

Quer dezer: desta vez ficava, pur-  
que era a istreia do jovem Brazão pur  
quem me préguntastes. Aquilo é que  
era pouvo para çaber ce ele istava rou-  
co ó não! Não istava, Zefa: tem a  
graganta tão vóa que, ó que me dix  
uma peça que neça noite açisti ó es  
pétaculo do triato da Repuvlica, até  
lá ce oívia a voz du home!

Alembreste de eu te dezer que xu-  
rei munto com o *Pratiota*? Pois, filha,  
iço nan foi nada ó pé das larguimas que  
ce barteram nu fim do prumeiro ato  
da *Madurgada* cum as manifestações  
jarais.

Imajina: colxas nus camarotes, mó-  
lhadas de agriões du ordimento, u  
Melo a ler uma iscompostura ó Brazão  
pur ele ter istado in oitro triato, u Bra-  
zão a gaguejar um inpruviso que le-  
vava escrevido in meia folha de papel  
de cartas, a Barbra ós beijos a ele, u  
Galhardo a isfregar as mãos pur ver u  
triato á cunha—imfin, tudo isto pur-  
vocou tantas larguimas çobretudo nas  
cinhoras que eu tive de arregassar as  
calsas cu diluvio!

Repito: fica escançada cu noço trá-  
gico tem çaude para dar i bender—  
mais para bender que para dar—i açim  
ce had—cunçervar inquanto tiver juizo  
para ce livrar dus médecos.

Olha lá: tanhome já alembrado de  
meter a noça filha Tareza nu triato.  
Que te parece? Ce tu i ela istiverem  
di acórdo tirá de casa du sr. prior i  
imbarcá in Xão-de-Massãs, mas avisa-  
me prumeiro. Tá dito? Teu inté ó fe-  
turo

Jerolmo

Emprezario do Paulitlana  
de Peras Rulvas

## DE FÓRA

## A's sogras

Velha sogra, corcova ta  
Ao peso de cem Invernós,  
Morreu e foi condenada  
A's profundas dos Infernos.

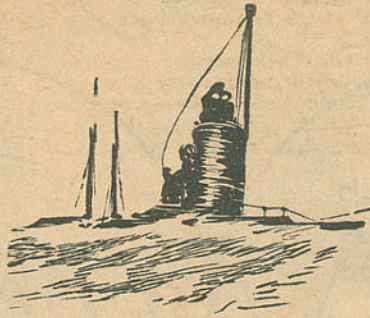
Julgats, porém, que a aff'glu  
ver do demo a negra guela?  
Satanaz é que fugiu  
Com medo das fúrias d'ela.

BRAMÃO D'ALMEIDA.

## A BORDO

Um passajelro que enjôa, ao criado:  
—Esta costeleta está mal passada.  
—E que tem isso? Para o tempo que o  
sr. a ha-de ter no estomago!

## EM FOCO



## O submarino

Terrível mata-cães e esfolo-gatos,  
Se os gatos e se os cães fossem marinhos,  
Causa susto ás pescadas, aos golfinhos  
E aos carapaus os meços timoratos.

Marujos, capitães, immediatos,  
Grumetes os mais novos e mesquinhos  
Se o periscopio avistam, coitadinhos,  
Mais pequenos se fazem do que ratos!

Todos tremem da maquina assassina  
Só eu não tenho o mais pequeno medo  
Embora arrote a furia submarina.

Todos os dias manhãsinha cedo,  
Salto do leito, meto-me na tina,  
E nem de leve penso n'um torpedol!

BELMIRO.

## O pão e o carvão

Entra para casa da D. Genoveva uma  
nova criada. A dona da casa ordena-  
lhe que acenda o fogão e esta agarra  
n'uma substancia escura que encon-  
trou na cosinha. A D. Genoveva:

—Que vai você fazer?  
—Deitar este bocado de coke no fo-  
gão.

—O' mulher! isso é pão, não é car-  
vão!

D'ái a pouco serve-se o almoço. A  
D. Genoveva, chamando:



—O' Maria! traga mais um pão para  
a mesa.

A criada obedece.  
D. Genoveva, depois de varias ten-  
tativas com a faca.

—Não sou capaz de partir este pão...  
Examinando:

—Mas isto é carvão, Maria! Você  
enganou-se!

A Maria despede-se e resolve só  
voltar a ser criada depois de terminar

a guerra, quando o pão se puder dis-  
tinguir do carvão.

\* \* \*

O Marques entra em casa desespere-  
radissimo. E' rodeado pelos filhos e  
pela esposa, que o interroga aflita:

—Que te aconteceu? vaes para a  
guerra?

—Peor! uma grande desgraça!

—Mas que é?

—Imagina. Dizem os jornais que vai  
haver um pão unico!

—E então?

—E então... Lisboa tem uns quatro-  
centos mil habitantes. Ora, dividido  
um pão em quatrocentos mil bocados  
vê lá que porção vem a caber a cada  
um de nós!

\* .

Da *Crónica elegante* de um jornal:

«Na *corbeille* da noiva viam-se brin-  
des riquissimos: um colar de perolas,  
oferecido pelo noivo, duzentas e cin-  
coenta gramas de carvão de pedra,  
presente do padrinho, o opulento ban-  
queiro Ximenes, tres pães de meio qui-  
lo, oferta da madrinha, a duqueza de  
Altas Torres. »

## Bocage e os medicos

(Continuação)

XV

Compôz para leve andaço  
Um doutor, doutor fatal,  
Famosa receita, onde era  
A menor dose mortal.

Indo depois á botica  
D'esta sorte o dono o inves te:  
—Receite a todos o mesmo,  
Meu doutor, e temos peste.

XVI

Um medico, antiga peste  
Do triste genero humano,  
De costumado a enganar-se  
Pôde acertar por engano.

Fez uma receita idonea,  
Apesar do formulario;  
Mas o que ao medico escapou  
Lá vai ter ao boticario.

XVII

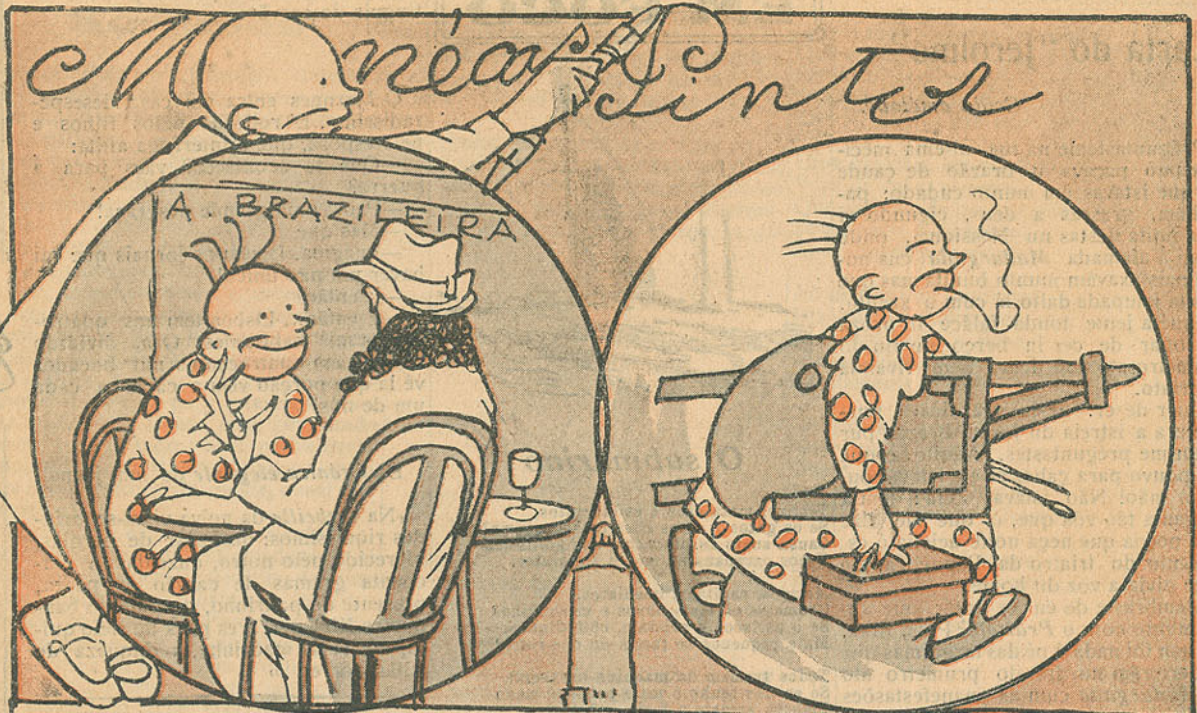
Pôdre vitima de Venus,  
Metafora da existencia,  
Fiu-se d'um boticario  
Homem de sã consciencia.

Tinha o pustuloso enfermo  
Uma gambia retorcida  
Que para a parte de fóra  
Como que enxotava a vida.

Tenaz emplastro lhe estende  
A farmacopolia mão  
Com que dê nome á botica  
Dando cabo do aleijão.

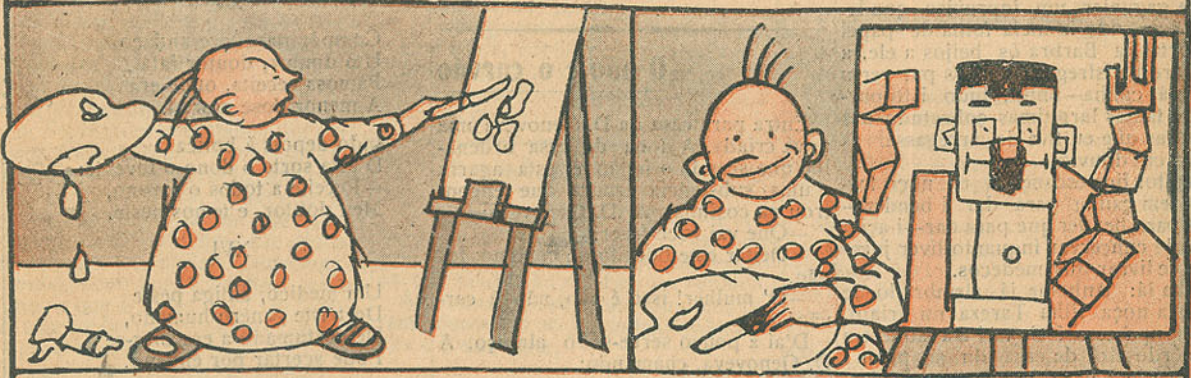
«—Deixe estar, diz o mestracho,  
Que isto logo, logo abranda.»  
Que sucedeu? pôz-lhe a perna  
Torta para a outra banda.





1.—Por muito conviver com certo artista  
Deu o Manecas em pintor cubista.

2.—Lá vae co'os apetrechos, de viagem.  
Resolvido a pintar uma paisagem.



3.—As noras, as hervinhas, as quebradas  
Pinta em forma de cubo; às pinceladas.

4.—Terminada a paisagem, o ratão  
Resolve logo expô-la no Salão.



6.—D'esta vez o papá do rapazola,  
Comevido a valer, beija-lhe a tola!